

Do predicado.

(Sugestões para uma teoria de campo).

A premissa desta investigação, a qual peço o leitor aceitar pela duração do argumento para poder segui-lo, é a seguinte: o intelecto é o campo no qual se dão pensamentos, e estes pensamentos são frases de uma língua. Se essa língua é do tipo flexional, (como o são as línguas indogermanicas), as frases são de uma estrutura específica: consistem de palavras, e a cada palavra cabe uma função dentro da frase. O intelecto sendo o campo no qual essas frases ocorrem, equivale a análise das frases à explicação do intelecto. A análise das frases das línguas flexionais explicará o intelecto formado por elas, explicará o intelecto "ocidental". Nada contribuirá para a explicação de intelectos formados por frases de línguas isolantes ou aglutinantes. Uma tentativa de explicar o intelecto tout court, de explicar "a razão pura", é uma tentativa de unificação de campos e tão problemática quanto o é a tentativa da física de unificar o campo gravitacional e eletromagnético. Ou talvez mais problemática ainda: o intelecto seria, nessa tentativa, e um tempo objeto e instrumento de investigação. Pelo próprio caráter do nosso intelecto estamos, portanto, restritos à investigação do intelecto formado por frases das línguas flexionais. Com esta restrição, entretanto, continua válida a premissa deste argumento: a análise de frases equivale à explicação do intelecto.

Tomemos como exemplo de um pensamento típico a frase "João ama Maria". Consiste de três palavras com três funções distintas: "João" funciona nela como sujeito,, "ama" como predicado, e "Maria" como objeto. A língua latina, mais explícita, evidencia a função objetiva da terceira palavra: "Johannes amat Mariam". O intelecto, quando pensa esta frase, isto é quando o campo que é o intelecto se realiza nesta frase, é analisável em sujeito, predicado e objeto. O exemplo proposto sendo típico no sentido de ter a estrutura ideal para a qual todos os nossos pensamentos tendem, é o intelecto, em tese, analisável em sujeito, objeto e predicado. Em outras palavras: o intelecto ideal se realiza, torna-se real, em frases analisáveis em sujeito, objeto e predicado. A consideração da frase "João ama Maria" é portanto um excelente ponto de partida para uma teoria de campo do intelecto.

A frase sob consideração é um projeto no sentido que os pensadores existenciais dão a essa palavra. É uma situação na qual algo (o predicado) se projeta a partir do sujeito em direção do objeto. É uma situação dinâmica e irreversível. Consideremos, em primeiro lugar, a irreversibilidade dessa situ-

ação. Aparentemente, e de acordo com a gramática clássica, ela pode ser revertida, a voz ativa pode ser transformada em voz passiva: "Maria é amada por João", ou "Maria amatur a Johannem". Entretanto, mesmo uma contemplação superficial das duas estruturas revela que uma não é o reverso da outra. São estruturas incongruentes tanto sintacticamente, como vivencialmente. Sintacticamente, isto é logicamente, (pois análise sintática e lógica são equivalentes), a estrutura da voz ativa contém um objeto em acusativo ("objeto direto"), e a estrutura da voz passiva contém um objeto em ablativo ("objeto indireto"). As duas estruturas não coincidem. Vivencialmente, isto é esteticamente, (pois aistheton=vivência), a carga emocional da voz ativa é diferente da carga emocional da voz passiva. Em breve: tendo demonstrado que a voz passiva não é reversão da voz ativa, mas uma situação diferente, pode-se afirmar que cada frase é uma situação irreversível.

Consideremos agora a dinâmica da situação sob estudo. O sujeito emite, irradia o predicado em direção do objeto. O predicado, visto a partir do sujeito, é uma missiva e um mandamento. Visto a partir do objeto, o predicado é uma demanda e uma investida. O sujeito manda, o objeto é demandado. Vista a partir do sujeito, a situação é imperativa, vista a partir do objeto, a situação é interrogativa. A dinâmica da situação é portanto dialética: a tese subjetiva, o imperativo, em choque com a antítese objetiva, o interrogativo, resulta na síntese predicativa, o indicativo. Em resumo: a análise da frase proposta revela uma tensão dialética entre sujeito e objeto sintetizada no predicado. Em outras palavras: o predicado, sendo síntese do sujeito e do objeto, abrange dentro de si toda a dinâmica do projeto que é a frase sob estudo.

O predicado é, portanto, o núcleo da frase, dentro do qual convergem as forças do sujeito e objeto, e é um núcleo que se projeta irreversivelmente. No nosso exemplo é o predicado, "ama", uma espécie de palavra que a gramática clássica chama de "verbo". Se demorarmos um instante sobre a descrição que temos oferecido do predicado, verificaremos que a denominação "verbo" é excepcionalmente feliz. O predicado foi descrito como sendo uma irradiação, portanto uma mensagem e uma articulação a partir do sujeito. E o predicado foi descrito como sendo uma investida contra, uma demanda de um objeto, portanto como intendendo e apontando para um objeto. Ser articulado e intender, isto é significar, são as características da palavra, do "verbo". O predicado é, portanto, a palavra por excelência, ele é um verbo. Tendo sido articulado, e tendo um significado, um alvo, um "telos", ele é irrever-

sível.

Sujeito e objeto são os dois horizontes do predicado, definem a situação que é a frase. Como limites que são fazem parte da situação e a ultrapassam. O sujeito entra na frase sómente na medida na qual o predicado o predica. "João" entra na frase como "amando Maria", não como "João em si". O objeto entra na frase sómente na medida na qual o predicado o intende. "Maria" entra na frase como "objeto que João ama", não como "Maria em si". Algo em "João" e "Maria" transcende a situação que é a frase e subsiste, impredicado e impredicável. "João" e "Maria" são substantivos, isto é palavras as quais, por não serem totalmente predicáveis, formam o horizonte da frase, o horizonte do discursível. São palavras não inteiramente empenhadas no discurso, mas são a fonte e a meta do discurso. O discurso, o predicado, o verbo por excelência, é o esforço da língua de predicar o sujeito em demanda do objeto, é o esforço parcialmente frustrado de verbalizar o substantivo numa síntese dialéctica entre sujeito e objeto. O resultado desse esforço é a frase. A meta é, evidentemente, de exaurir o sujeito e o objeto mediante uma cadeia ininterrupta de predicados. Em outras palavras: a meta é de predicar tanto a respeito de "João" até exaurir tudo do sujeito, tornando-o inteiramente articulado. A impraticabilidade dessa meta é evidente. Ela é, entretanto, impossível igualmente em teoria. A própria posição do sujeito e do objeto dentro da frase, uma posição de limite e de transcendência, denota as raízes inarticuláveis da frase, portanto as raízes do pensamento inalcançáveis para o intelecto.

Voltemos à premissa desta investigação, a saber à tese: o intelecto é o campo no qual ocorrem pensamentos, isto é frases. Na luz do exposto podemos reformular a tese da seguinte maneira: o intelecto é o campo no qual ocorrem esforços de predicar sujeitos intendendo objetos, ou: no qual ocorrem esforços de verbalizar substantivos. Em outras palavras: o intelecto se realiza predicando. O intelecto é o potencial, o vir-a-ser do predicado. O predicado é o intelecto devindo. Com esta reformulação teremos dado um passo em direção da explicação do funcionamento de intelecto, e outro passo em direção da delimitação do intelecto, da demonstração de sua limitação. Persigamos, inicialmente, o primeiro passo.

O intelecto se realiza, portanto, em uma série de projetos, chamados "frases", num esforço de predicar. Este esforço tem um aspecto epistemológico, e um aspecto normativo. O intelecto, ao predicar, interroga e impera. Ele "conhece" e "valoriza", ele é "puro" e "prático". A distinção entre estes dois aspectos

do intelecto é uma questão de perspectiva. O predicado, visto a partir do objeto, produz "conhecimento". O objeto torna-se conhecido na medida na qual o predicado o entende, na medida na qual o predicado investe contra ele. O predicado, visto a partir do sujeito, produz "valor". O sujeito torna-se verbalizado, articulado na medida na qual o predicado o predica, isto é torna-se intelectualizado, e na mesma medida o intelecto se libera dele. O intelecto se liberta do sujeito, o intelecto cria liberdade. Visto como uma interrogação, uma investigação, um chamar para cá o predicado cria conhecimentos para o intelecto. Visto como um imperativo, uma exclamação, um proclamar o predicado cria valores para o intelecto. Entretanto, as duas atividades são fundamentalmente idênticas. "Conhecimento" é "Valor", visto a partir do sujeito, "Valor" é "Conhecimento", visto a partir do objeto. Mutatis mutandis: se o conhecimento é o desvendar da necessidade, e o valor o testemunho da liberdade, tem razão Engels da sua perspectiva a partir do objeto, dizendo que "a liberdade é o conhecimento da necessidade". Não menos razão têm, entretanto, os moralistas das diversas religiões, cujos ensinamentos podem ser resumidos na frase: "necessidade é a consequência da valorização da liberdade". Na primeira perspectiva, na "determinista", a liberdade é fruto do conhecimento do fundamento necessário do intelecto. Na segunda perspectiva, na "indeterminista", a obrigação, o dever ~~íxiuxa~~ (o "imperativo categorico"), é fruto da valorização do fundamento livre do intelecto. Ambas perspectivas são contraditórias em si, quando consideradas separadamente, mas adquirem uma consistência por assim dizer sintética, quando consideradas em conjunto. "Valor" e "conhecimento", "liberdade" e "necessidade" são o aspecto tético e antitético da síntese que é o predicado. Criando valor e conhecimento, criando liberdade e necessidade, e superando essas dicotomias, isto é predicando, o intelecto se realiza.

Podemos, portanto, dizer que o intelecto é o campo onde ocorrem conhecimentos e valores, liberdade e necessidade para se superarem dialecticamente no predicado. No entanto surge o problema: como se dá este processo, como ocorrem as frases que são conhecimento e valor e que se sintetizam no predicado? De que maneira funciona o intelecto? De acordo com as regras da língua ou das línguas que informa ou informam o intelecto. O intelecto não está isolado, mas empenhado em conversação com outros intelectos. É esta conversação que o informa. O intelecto é um sulco individual dentro do campo da conversação geral, como o globo terrestre é um sulco individual dentro do campo geral da

5

gravitação. As palavras da língua da conversação são sua materia prima, as regras da língua da conversação são o padrão (pattern, Gestalt) de acordo com o qual ele predica. Novamente surge o problema da liberdade e necessidade, agora num nível diferente. O intelecto é determinado no sentido de ser condicionado pela língua que o informa. O intelecto é livre no sentido de participar da conversação, portanto da criação livre da língua que articula. Também neste nível "liberdade" e "necessidade" são desvendadas como sendo duas perspectivas sobre a mesma realidade. Com efeito, são superadas dialeticamente pelo predicado da frase: "o intelecto realiza-se predicando em uma língua". Sómente que neste caso a superação dialéctica é dupla, porque nesta frase o predicado predica o predicado. A língua está, nesta frase, sendo virada contra a língua, o intelecto contra o intelecto, o pensamento contra si mesmo. Essa frase é um projeto que se projeta contra si mesmo, ela é uma situação refletiva. A situação é, com efeito, refletiva e retrorefletiva, ameaçando perder-se numa regressão ao infinito. O intelecto, sendo língua, investiga nessa situação a língua, tendo a língua como instrumento de investigação. Com essa situação, que é a verdadeira situação da filosofia, teremos alcançado uma das limitações do intelecto, limitações estas que foram mencionadas mais em cima.

Entretanto, antes da consideração dessas limitações, sejam resumidas os resultados da investigação até agora alcançados: o intelecto é um sulco dentro do campo da conversação de uma ou mais línguas, que se realiza predicando de acordo com as regras da língua. Nesse processo de realização, nessa série de projetos, o intelecto cria conhecimento e valor, e cria língua. Ou, simplificando: os intelectos individuais são os sulcos dentro do campo de uma língua, nos quais a língua se realiza e se propaga predicando.

Consideremos, em seguida, as limitações do intelecto, que já agora podemos identificar com as limitações da língua, limitações estas que se tornaram evidentes ao considerarmos a posição do sujeito e objeto dentro da frase. O predicado consegue, dentro da frase, sintetizar o sujeito e o objeto, mas o alcance dessa síntese é limitado pelo próprio carácter do predicado. "João" e "Maria" são sintetizados dentro do "ama" na medida que "João" é algo que ama Maria, e "Maria" é algo que é objeto de João que ama. Entretanto, "João" e "Maria" apontam, intendem, significam algo que não foi inteiramente predicado nesta frase. Intendem algo, significam algo que transcende esta frase e todas as frases possível. Significam algo nunca inteiramente predicável. É justamente este algo que nos confere a essas palavras "substantivas"

a dignidade de poder funcionar como sujeitos e objetos em uma frase. São elas o A e o O da língua, a sua fonte e a sua meta. A língua como um todo é um único esforço de predicar sujeitos não inteiramente predicáveis e significar objetos não inteiramente significáveis. Esse substrato inarticulável do qual a língua brota e o qual ela devora em seu avanço é, ex hypothesi, inexaurível. "João" tem uma infinidade de predicados, e "Maria" tem uma infinidade de significados, e o avanço da língua e dos intelectos empenhados em conversação em nada diminui a infinidade dos predicados e significados ainda não articulados, por majestoso que seja esse avanço. O campo da língua, dentro do qual os intelectos se realizam, e no qual ocorrem os predicados com os valores e os conhecimentos que lhes são consequência, não é sinão uma ínfima ilha de ordem e organização dentro do infinito mar do caos do inarticulável. Uma ilha que se expande, é verdade, mas que se expande para dentro do nada do inarticulável. Porque o inarticulável, aquilo que não pode ser predicado, é, do ponto de vista intelectual, "nada". Não podendo ser articulado, não podendo ser alcançado intelectualmente, não existe. Entretanto é um nada poderoso, porque dele surgiu e continua surgindo a língua. É o nada do qual a língua produz e o qual a língua intende. O pensamento existencial nos familiarizou com esse nada. É, nas palavras de Heidegger, "a clara noite do nada da angústia". É, ainda e de um outro ponto de vista, o nada diante do qual Wittgenstein emudece. Visto assim, é preciso confessar, todo o grandioso edifício intelectual da língua empalidece e se dilui na frustração de um esforço vencido de antemão e sempre de novo.

A criação de conhecimentos e de valores não desfazem a frustração diante do nada todo-poderoso, nem a disciplina refletiva da filosofia, cuja tautologia e regressão ao infinito já tem sido mencionada anteriormente. Todos esses esforços intelectuais, (linguísticos), aparecem como sendo fugas inautênticas em face do nada. Esta frustração, esta angústia parece ser, portanto, o clima (Stimmung) de muitos dos pensadores da atualidade, daqueles intelectos ^{cientificamente} refletivos, investigadores ou artisticamente criadores que vislumbram as limitações da língua, e, em consequência, do intelecto. Entretanto, na luz desta investigação e da ordem de ideias que lhe deu origem, não parece esse clima ser nem necessário nem consequente. O caos do inarticulável é exótico e inarticulável para o intelecto. Ele é nada para o intelecto. Ele o é porque assim o intelecto é construído, sendo, como é, um sulco no campo da língua. O Eu, entretanto, este sujeito de todos os sujeitos, e este objeto de todos os objetos dentro do intelecto, transcendendo o intelecto como todo sujei

to e objeto transcende a frase. Aquilo do Eu que transcende o intelecto é, ~~ex hypothese~~ ex definitione, indiscutível e é, ex definitione, "nada" para o intelecto. Entretanto, não o é para o Eu. O Eu, qua intelecto, está inteiramente empenhado na conversação e se realiza inteiramente predicando. Mas o substrato indiscutível do Eu participa do inarticulável. Visto assim creio perde o nada o seu terror e o intelecto readquire a sua dignidade. O intelecto, aquela parte do Eu portanto que se realiza articulando, assume, sob este prisma, o papel que lhe cabe dentro daquela totalidade que, articulando o inarticulável, chamamos de "mundo": a saber, articular progressivamente, criar predicando. Nada vejo neste papel de frustrado ou tautológico. A frustração me parece ser fruto tão somente de uma anterior supervalorização do intelecto, e mais especialmente daquele produto do intelecto chamado "ciencia". Pelo contrário, o progresso intelectual, conciente agora de sua limitação pela língua, representa uma fase da realização do Eu e do "mundo", cujas outras fases podem ser vagamente intelectualizadas por palavras como "fé" e "visão imediata". E esse progresso intelectual pode ser tanto mais fértil, quanto mais o próprio carácter do intelecto se torna evidente, eliminando do campo da discussão o indiscutível. Uma teoria de campo do intelecto, como está sendo proposta aqui, deve ter como uma de suas metas exatamente essa definição do intelecto e consequente eliminação do indisível.